

## Eleições EUA

# Agora, gastar o capital

Com a vitória, Bush quer radicalizar sua política externa



Logo após seu adversário na eleição presidencial, o democrata John Kerry, ter admitido a derrota, o presidente dos EUA, George W. Bush, anunciou que um “ponto central” na política externa de seu segundo mandato será transformar regimes autoritários em democráticos. E que

pretende retomar a liderança no processo de paz no Oriente Médio e formar uma “ampla coalizão” para combater o terrorismo. “Ganhei capital nesta campanha, um capital político. Agora, vou gastá-lo”, disse, triunfante.

Não há como negar: Bush e os republicanos se deram muito bem nas eleições do início de novembro. No pleito presidencial, Bush bateu Kerry na ampla maioria dos Estados americanos e conquistou o número de delegados necessário para ser reeleito pelo Colégio Eleitoral. E, para arre-matar, venceu o adversário por mais de três milhões de votos populares – 59 milhões a 54 milhões. Uma vitória ainda mais significativa porque foi obtida na eleição que mais mobilizou os americanos em décadas: cerca de 120 milhões de pessoas (59,6% da população com idade para votar) foram às urnas, 15 milhões a mais do que em 2000.

**Voto da religião e das armas** Nas eleições para o Congresso, a vitória republicana deu a Bush majorias mais confortáveis em ambas as Casas. No pleito que decidiu 34 das 100 cadeiras do Senado, os republicanos ganharam 19 e os democratas, 15. Com isso, passaram a contar com 55 cadeiras. Na Câmara dos Representantes, estimativas divulgadas logo após o pleito indicavam que ficariam com 233 das 435 vagas em disputa, 4 a mais que na legislatura atual. Assim, a maioria republicana se ampliaria para 32 deputados.

Uma explicação inicial para tamanho triunfo pode ser buscada nos primeiros resultados de pesquisas de boca-de-urna. Eles mostram que votaram preferencialmente em Bush os frequentadores regulares de templos religiosos, assim como os casais com filhos e os indivíduos que possuem armas. Entre os eleitores do presidente estavam também os que têm mais receio de um ataque terrorista e preocupação com assuntos relacionados a valores morais. Do lado democrata ficaram principalmente os que afirmaram nunca ter frequentado uma igreja e os mais preocupados com temas como saúde, emprego e a situação no

Iraque. No conjunto do país, apenas 19% citaram a economia como o principal problema atual, colocando o assunto depois dos valores morais, que obtiveram 22%.

Esses são indícios fortes de que Bush cativou principalmente os eleitores menos preocupados com a situação econômico-social e mais conservadores ideologicamente, enquanto do lado de Kerry ficaram os mais liberais e ligados em temas como desemprego e a guerra no Iraque. O fato de as questões sociais e econômicas não preocuparem de forma tão profunda os eleitores de Bush tem explicação. Segundo o articulista Steven Pearlstein, do diário *The Washington Post*, neste ano a economia americana terá um crescimento de “respeitáveis 4%”, “enquanto a economia global terá seu melhor ano em décadas”. Segundo ele, a inflação está baixa e “os lucros corporativos estão em alta de cerca de 20% pelo segundo ano consecutivo”. Além disso, “o desemprego está baixo”. Para os próximos anos, no entanto, diz Pearlstein, a situação deve mudar: “o cenário mais provável é o crescimento cair para 3% no ano que vem e menos de 2% em 2006, com poucos ganhos no emprego e uma inflação subindo gradualmente — uma forma moderada de estagflação que traz consigo uma boa chance de recessão”.

**Visão míope** A campanha eleitoral americana, no entanto, não é um processo que estimule uma visão mais crítica – ao contrário, tende a desenvolver nos eleitores uma perspectiva míope. Assim, os problemas que virão a partir do ano que vem têm importância secundária. O que interessa é a percepção do momento, que parece, no geral, boa. Escorados nesse aspecto, os republicanos viram abrir-se um vasto campo de disputa ideológica. E colocaram em prática sua estratégia de se apoiar nos setores mais conservadores, apostando na radicalização, ao apelar para a intensa mobilização dos grupos religiosos de direita, de acordo com o plano traçado por Karl Rove, assessor político presidencial.

Um efeito disso pode ser vislumbrado nos resultados dos referendos, realizados em 34 Estados, para decidir sobre dezenas de questões. Em pelo menos nove deles foram aprovadas leis proibindo casamentos entre pessoas do mesmo sexo, medida que Bush quer colocar na Constituição federal. A aliança conservadora montada por Bush só teve uma grande derrota na Califórnia, ironicamente um Estado governado pelos republicanos. Lá foi aprovada medida que estabelece um fundo no valor de US\$ 3 bilhões para o financiamento de pesquisas com células-tronco e experiências envolvendo embriões humanos. Os republicanos fizeram campanha cerrada contra as células-tronco, mas o governador Arnold Schwarzenegger se manifestou a favor. ■